

VIOLÊNCIA DE GÊNERO E RAÇA: IMPACTOS NA VIDAS DE UNIVERSITÁRIAS NEGRAS

Lidiane Cesário Barreto¹
Heloisa Raimunda Herneck²
Maria Simone Euclides³

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada no trabalho de Conclusão de curso intitulada “TRAVESSIAS DE ESTUDANTES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E RAÇA”, que teve por objetivo analisar como o assédio incide na travessia de estudantes universitárias negras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Por assédio, entendemos todas as formas de relações de poder e violência de gênero e raça sobre mulheres negras. Compreendemos que o assédio interfere de maneira objetiva na integridade das mulheres, incidindo em sua autonomia, liberdade, dignidade e autoestima. Metodologicamente a pesquisa se desenvolveu a partir do levantamento de dados sobre estudantes negras matriculadas na Universidade Federal de Viçosa no período de 2018 a 2020 e realização de entrevistas com aquelas que se dispuserem a participar da pesquisa. Os resultados encontrados são esses: as estudantes entrevistadas possuem uma compreensão sobre a concepção sobre as violências raciais e de gênero e a sua incidência na vida das mulheres, sobretudo, mulheres negras e falar sobre as questões de assédio é um assunto delicado e doído, dada a nossa formação social e cultural arraigada no sexismo e racismo. Enfatizamos a necessidade de diálogos de gênero e raça dentro e fora do ambiente universitário.

Palavras-chave: Estudantes Negras; Assédio; Gênero; Raça; Universidade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa desenvolvida durante o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa como trabalho de Conclusão de Curso. A referida pesquisa foi titulada como “TRAVESSIAS DE ESTUDANTES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E RAÇA” e teve como objetivo compreender a incidência do assédio na travessia de estudantes negras universitárias da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A justificativa para a realização desta pesquisa foi o fato das mulheres negras serem mais propensas a sofrerem casos de violências de raça e gênero, visto que pairam o racismo e sexismo em nossa sociedade. Trata-se de um estudo na abordagem quanti-quali, cujos procedimentos metodológicos, deu-se mediante o preenchimento de questionários e a realização de entrevistas semi-estruturadas junto a estudantes negras da Universidade Federal

¹ Mestranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Viçosa- UFV, lidiane.barreto@ufv.br;

² Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal - UFV, hherneck@ufv.br;

³ Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal - UFV, maria.euclides@ufv.br.

de Viçosa. Para este artigo propomos diálogos acerca dos resultados das entrevistas juntamente com as contribuições de pesquisadores/as que abordam a temática, dentre eles/as: Angela Yvonne Davis (1994), bell hooks(2014), Kimberlé Williams Crenshaw (2017), Nilma Lino Gomes (2019), Lélia de Almeida Gonzales (1984), Silvio Luiz de Almeida (2019).

METODOLOGIA

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética⁴ da universidade e teve como procedimento metodológico um caráter quanti-quali. Para a realização desta, inicialmente, fizemos contato com as coordenações de todos os cursos da instituição para que enviassem um questionário por meio do Google Forms às/aos estudantes. Após o envio do questionário, ele ficou disponibilizado por duas semanas. Obtivemos 67 respostas. Foi realizada a tabulação de dados, na qual somente 19 estudantes se enquadraram nos critérios estabelecidos na metodologia da pesquisa, a saber: estudantes negras matriculadas entre ⁵2018 a 2020.

As idades das estudantes que responderam ao questionário online variaram entre 19 e 36 anos, sendo 13 de cursos do Centro de Ciências humanas (3 do curso de Pedagogia, 2 da Educação Infantil, 6 do Serviço Social, 1 da Ciências Sociais, 1 da letras) 3 do Centro de Ciências Biológicas (1 da Bioquímica, 2 da Licenciatura em Ciências Biológicas), 2 do centro de Ciências Exatas (1 da Química e outra da Engenharia Química), 1 do Centro de Ciências Agrárias, mais especificamente do curso de agronomia.

Também seguimos o caminho de divulgação visando mais adesão de estudantes negras à pesquisa, participando do evento promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG)⁶, realizado na semana de acolhimento as/aos calouros em 2022, cujo tema foi o assédio no ambiente universitário. Neste evento, a partir do recurso metodológico da bola de neve (BOGDAN, BILKLEN, 1994), conseguimos o contato de mais 4 estudantes para participarem da pesquisa.

Para a realização das entrevistas, foram selecionadas as estudantes autodeclaradas negras e com matrícula ativa na UFV e que se dispuseram a conceder as entrevistas. No total

⁴ Ressaltamos que a pesquisa já foi submetida e aprovada no Comitê de Ética desta instituição. Número do parecer: 5.298.577 no dia 22 de março de 2022.

⁵ A escolha se deve ao fato de que a escrita do projeto iniciou em período pandêmico, em que não sabíamos quando retornaremos às aulas presenciais, o critério foi anos anteriores à pandemia para termos participantes que já haviam vivido a vida universitária de modo presencial.

⁶ NIEG desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão tendo como referência os Estudos de Gênero e Estudos Feministas e tem priorizado o campo da educação, saúde, políticas públicas e comunicação. Disponível em <https://nieg.ufv.br/>

foram realizadas três entrevistas; e, foi utilizado o Google Meet para a realização das mesmas. Vale destacar que devido ao cenário na época vivido pela sociedade em decorrência do novo Coronavírus (Covid-19),⁷ a realização da pesquisa ficou restrita aos meios tecnológicos a fim de manter o distanciamento social e respeitar as regras de proteção e isolamento. Para análise das entrevistas, foi feita a transcrição e diálogos analíticos com autoras e autores que discutem sobre a temática abordada neste trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

A trajetória da mulher negra na sociedade, historicamente vem sendo demarcada por opressões e silenciamento. Não há como dissertar sobre a mulher negra sem ressaltar sobre violências de gênero e raça. De acordo com bell hooks (2014), no século XX, as mulheres negras eram consideradas objetos sexuais, disseminadoras do pecado original, procriadoras de “novos escravizados”, exercer atividades domésticas na casa do seu dono, cuidar e ser ama de leite dos filhos das patroas. E ainda, servir ao marido (quando lhes foi concedido esse direito), realizar os mesmos trabalhos braçais que os homens escravizados e cuidar de seus filhos. Imagem que segundo Santos (2014), se reverbera ainda hoje.

A mulher negra é hipersexualizada, concepção concebida em uma sociedade patriarcalista em que o poder dos homens predomina. Porém, para as mulheres negras, essa situação se dá de modo sobreposto, uma vez que esse público tem que lidar não apenas com a questão de gênero, mas também com a opressão, devido às suas condições étnicas e raciais.

A universidade apesar de se aparentar um ambiente seguro e acolhedor, também é um espaço institucional em que pode ocorrer a propagação das violências oriundas da sociedade patriarcalista, racista e conservadora. É fato que as mulheres negras estão mais sujeitas a vivenciar essas formas de relações pela interseccionalidade das violências raciais e de gênero. Sendo assim, segundo pesquisas de Paiva e Campos “as mulheres negras, duplamente atingidas pelas desigualdades de raça e gênero, buscam resistir às diversas violências oriundas de sua condição subalternizada na sociedade” (2018, p. 3). Portanto, é perceptível que as mulheres negras são mais propensas a sofrerem violência, tendo em vista a existência de um ambiente econômico, jurídico e político que reproduz o estigma de subalternidade, perpetuando o

⁷ “A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> . Acesso em: 07/09/2023.

recebimento de salários baixos, impedimento de participação de espaços de tomada de decisão e vulnerabilidade a todo tipo de violência (ALMEIDA, 2019).

Nessa perspectiva, cabe dialogar sobre as vivências de estudantes negras, principalmente no Ensino Superior, para verificar a ocorrência, ou não, de relações abusivas no decorrer de sua formação educacional e profissional. É necessário enfatizar que quando dialogamos sobre estudantes universitárias negras, situamos neste público, o que fazemos a partir da perspectiva de interseccionalidade proposto por Kimberley Crenshaw (2004), a qual, busca compreender como diferentes formas de opressão e privilégio se cruzam e se combinam, causando desigualdades complexas, interligadas e distintas. Por exemplo, uma estudante negra pode enfrentar não apenas o sexismo comum às mulheres, mas também o racismo. Essas formas de opressão se entrelaçam e criam experiências únicas de discriminação e marginalização que não podem ser entendidas apenas pela análise separada do sexismo e do racismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 15 possíveis entrevistas, outrora elencadas no questionário como partícipes das entrevistas, conseguimos de fato o aceite de três estudantes. Esse número reduzido, pode ter se dado ao fato de que falar, verbalizar e narrar violências sofridas seja um campo doído, difícil de trazer à concretude, uma vez que “a cultura do assédio”, seja tão bem arraigada estruturalmente em nosso tecido social. De modo a por vezes, a culpabilização cair na própria vítima, e não acarretar nenhuma implicação coercitiva ao agressor. Para a preservação das identidades das estudantes e em razão do nosso compromisso e ética, manteremos o seu anonimato e as nomearemos com o nome de mulheres ativistas negras⁸.

A primeira entrevista foi realizada com a Carolina de Jesus, no dia 30/05/2022. Ao entrar na reunião do Google-Meet e ao perceber que conhecia a pesquisadora, demonstrou uma expressão de timidez e/ou vergonha. Sabemos que relatar vivências sobre violências não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se trata de nós mesmo. Contudo, seguimos a entrevista com todo cuidado e respeitando os limites da estudante. Pedimos a permissão para gravar a entrevista de

⁸ **Marielle Franco**, “mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré”, como se apresentava, foi eleita a quinta vereadora mais votada da cidade em 2016. **Antonieta de Barros** foi uma jornalista, professora e política brasileira. Foi uma das primeiras mulheres eleitas no Brasil e a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular. **Dandara**, conhecedora das técnicas da capoeira, Dandara teria lutado junto com os negros e liderado as estratégias de administração e defesa do Quilombo dos Palmares, símbolo da resistência africana, para onde fugiram negros durante várias décadas do período colonial. **Carolina de Jesus**, foi uma escritora, compositora e poetisa brasileira, mais conhecida por seu livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, publicado em 1960. Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país. **Conceição Evaristo**, participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país.

modo a facilitar a transcrição e foi concedida. Porém, a entrevistada fechou a câmera, talvez para se sentir mais segura e confortável ao relatar sua vivência sobre assédio. Carolina ao ser entrevistada, negou já ter sofrido algum tipo de assédio. Um dado contraditório, uma vez que no questionário respondido anteriormente a entrevista, ela relatou já ter sofrido. Ao questioná-la sobre a resposta anterior, justificou que o instrumento estava com problemas técnicos, o que não era verdade. Verificamos, porém, novamente e não estava com problemas técnicos.

Levantamos então a hipótese, de que a estudante não queria falar sobre o assunto na entrevista. Frente a esta situação pudemos perceber que a estudante não se sentiu confortável em relatar suas vivências acerca do assédio, talvez por se tratar de uma entrevista que mexe muito com as lembranças, sentimentos e emoções dolorosas que não são fáceis de lidar. O desconforto demonstrado pode também ser o fato de ela conhecer a entrevistadora, pelo receio de ser identificada por algo tão íntimo e doloroso, acabando se sentindo insegura em dialogar sobre o assunto. A seguir, Carolina de Jesus pediu para finalizarmos a reunião. A contradição entre o dito no questionário, “sim passei por situações de assédio” e durante a entrevista trazer a informação de que não sofreu assédio comunga com o silêncio, o medo de se expor, bem como dos efeitos que o assédio pode ter deixado nesta estudante a ponto de que ela prefira não rememorar os acontecimentos de violência e assédios.

Semelhante ao caso da Carolina de Jesus, a estudante Conceição Evaristo confirmou no questionário a sua participação na entrevista, assinou o termo de Sigilo (TCLE), porém, mesmo depois de ter assinado o termo acabou desistindo da entrevista. No que diz respeito aos casos de suspeita de assédio (e/ou outras violências), é notável que na maioria dos ocorridos a vítima é julgada como causadora do evento, ou seja, tem-se a realocação da culpa do agressor para quem sofreu o assédio (e/ou outras violências). Diante disso, observa-se que existe uma grande barreira para ação de realizar a denúncia do acontecimento, sendo que esse empecilho se resume à exposição da vítima de alguma forma. Dessa forma, o mecanismo de autodefesa perpetua o silêncio e, ao mesmo tempo, promove a impunidade de quem praticou o assédio. Essa situação, tem como consequência direta tanto o empoderamento de quem pratica esses atos como também viabiliza a reprodução dessas atitudes em nossa sociedade.

A entrevistada Marielle traduz a dimensão do assédio a partir da privação da liberdade e ao mesmo tempo do controle de sua corporeidade: “para mim, assédio é invasão da minha liberdade né, da minha liberdade de caminhar, da minha liberdade de usar as roupas que eu quero usar e o assédio ele impede essa liberdade que eu tenho.” (MARIELLE FRANCO, 2022). Essa invasão da liberdade está associada ao machismo impregnado na sociedade, ou

seja, ao fato de os homens acharem que as mulheres são submissas e são de posse deles. Isso faz com que as mulheres sintam suas violadas em sua integridade.

Nessa perspectiva, a estudante Dandara apontou que “o assédio seria qualquer ação, violação que é feita a outra pessoa que a deixe constrangida, fazendo-a ficar desconfortável de alguma forma ou até mesmo violá-la tanto fisicamente quanto emocionalmente.” (DANDARA, 2022).

Não dá para situar as falas acima sem dialogar as nuances de raça, classe e gênero. Ângela Davis (1994), ressalta que as mulheres negras não são vistas como frágeis e castas desde a época da escravidão, em que faziam trabalhos árduos forçadas a desempenhar o mesmo trabalho que os homens negros escravizados. E o que as diferenciavam desses homens era somente o fato de ao chegar desses trabalhos, que na maioria das vezes eram nos campos, arando, plantando e colhendo, elas eram obrigadas também a cuidarem dos afazeres domésticos além de terem seus corpos violentados pelo estupro.

No que diz respeito à dimensão do racismo, a entrevistada Marielle Franco trouxe a seguinte narrativa:

O racismo ele é uma estrutura né, então ele tende a jogar pessoas negras sempre para um lugar mais baixo de subalternidade, ele opera de forma muito violenta no nosso dia a dia né, a gente, entende as sutilezas que ele tem, mas de forma geral ele é bastante violento, a gente percebe muitas vezes nas falas das pessoas, no modo como elas olham para gente, muitas vezes isso pode se passar de forma sutil, mas a gente sabe que é muito violento. Só quem sente na pele sabe descrever como que é diferente o olhar de uma pessoa quando ela está sendo racista ou quando ela está sendo machista para a gente que é mulher, por exemplo. Mas, de forma geral ele fere a nossa integridade, nossa dignidade, ele quer sempre colocar a gente pra baixo, num lugar de autoestima baixa, de falta de segurança. O racismo como estrutura opera em todos os campos de nossas vidas, faz a gente se sentir menos do que as outras pessoas. (MARIELLE FRANCO, 2022).

O racismo surgiu a partir da hierarquização de raça, cunhado na perspectiva biológica, esse conceito ainda é muito usado como forma de distinguir povos considerados “superiores”, ou seja, os brancos e “inferiores” os pretos, pardos e indígenas inferiores. Comungamos com Gomes (2005) ao situar o conceito de raça em sua dimensão política e sociológica para compreendermos como o racismo opera a nível das relações sociais entre negros e não negros. Salientamos que o racismo em nosso país está diretamente relacionado ao fenótipo. Nesse viés, a estudante Antonieta mencionou a seguinte concepção de racismo:

Racismo para mim é quando ela discrimina repudia, tem preconceito contra outra pessoa pelo fato da cor de pele dela, pelo fato dela ser preta; nem preta na verdade porque racismo não é só com pessoas pretas, mas

com pessoas que apresentam outro tipo de cor de pele diferente da dela. (DANDARA, 2022).

Quando trouxemos a pergunta sobre o racismo visamos, nesta pesquisa, considerarmos que o racismo enquanto relação de poder e estruturado socialmente, é também um assédio a corporeidade negra, sobretudo quando interseccionam raça e gênero. Conforme ressalta bell hooks (1995), mulheres negras são consideradas corpos sem mentes, sendo considerada apenas como um desfrute para os homens e não uma mulher na qual seria ideal para amar e construir uma família:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (hooks, 1995, p. 469).

Além do racismo, como mencionado anteriormente, sexismo ou as questões de gênero também transversalizam o ser mulher na sociedade. Logo, em uma sociedade constituída a partir das bases do patriarcado, mulheres é a outroeidade masculina, o sexo oposto, frágil, carente de cuidado e excesso de proteção, a saber, assédios e violações. Dialogar sobre gênero, patriarcado, racismo e violências sem a dimensão da interseccionalidade, é escamotear opressões cotidianas de modo a legitimá-las e naturalizá-las.

No que diz respeito ao conhecimento sobre o sexismo, nossa entrevistada Marielle trouxe a seguinte reflexão:

Bom, eu não possuo muito aprofundamento em estudos de gêneros né, mas o sexismo opera deixando a mulher no lugar de subalternidade e principalmente a mulher negra, a gente é colocada no lugar para fazer os serviços que são menos remunerados. **A nossa intelectualidade é subvalorizada, as nossas falas normalmente são taxadas como sempre identitárias e não como se a gente fosse um intelectual daquela área.** Eu não quero trabalhar com gênero porque eu sou mulher, eu quero trabalhar com gênero porque ele me chama atenção. O sexismo ele é todos esses preconceitos e opressões que tendem a colocar a classe oprimida, que já está nesse lugar, em um lugar que é considerado pior, não deixando a mulher sair desse espaço doméstico, ele também é estrutural, a gente vive em uma sociedade que é patriarcal né, então o homem está no topo e a mulher está em baixo. (MARIELLE FRANCO, 2022, Grifos das autoras).

Para Marielle, em se tratando das dimensões do sexismo na academia, as violências de gênero culminam de modo direto com a dimensão da intelectualidade, “a nossa intelectualidade é subvalorizada”, somos lidas e tidas como “corpos sem mentes”. Ademais, Marielle Franco afirmou se sentir hipersexualizada:

No geral, eu já sofri muito assédio na minha adolescência, assédio por gênero, no caso de assédio por raça foi agora depois de adulta depois que eu percebi que eu estava sendo mais hipersexualizada do que quando eu era mais nova, eu digo quando eu era mais nova era assédio por gênero por eu ser uma menina nova e isso ajudaria talvez eu ser mais manipulável, sendo assim eu sofri muito com esse tipo de assédio nessa época da minha vida. (...) A hipersexualização sempre esteve presente na minha vivência e pensando que a hipersexualização acontece de fato com as mulheres negras e homens negros então assim, acaba sendo normalizado para a gente, pois na maioria das vezes é só no ato da hipersexualização é o único espaço que nos sentimos valorizados e que recebemos afetos. (MARIELLE FRANCO, 2022)

No que tange a dimensão de como o assédio influenciava na qualidade de vida e nas atividades acadêmicas tem - se a seguinte resposta: “Eu percebo que muitas vezes quando eu estou numa festa e alguém chega em mim eu tendo a me sentir acuada, eu não me sinto bem em ficar com caras em festas e nem dentro da universidade”. Embora, a estudante tenha mencionado o assédio vivido fora da universidade, que o mesmo afetou psicologicamente o seu rendimento acadêmico.

No que afeta meu desenvolvimento pessoal o assédio afeta bastante, mas eu já passei por casos de assédio mais críticos não ditos aqui, que fizeram com que eu ficasse muito tempo sem me relacionar com ninguém, isso acabou afetando muito meu psicólogo logo acabou fazendo com que meu rendimento acadêmico diminuísse mesmo que o ato não foi ocorrido nesse ambiente. (MARIELLE FRANCO, 2022).

Nesta fala é possível compreender que o assédio traz inúmeros prejuízos à vítima, não só a violação da integridade física e mental, mas também podendo acarretar o comprimento da saúde como um todo. Já a estudante Antonieta de Barros afirmou não ter sofrido assédio na UFV, mas diz o quanto seria sofrido se tivesse vivenciado este tipo de situação devido suas experiências fora da universidade:

Eu nunca presenciei assédio estando aqui na UFV, mas imagino eu diante da experiência que eu tive, que afeta bastante, porque eu ficava muito desconfortável até chorava quando eu chegava em casa, por que eu me sentia impotente. mas ou era isso ou era ficar sem dinheiro para comprar as coisas e ajudar minha mãe em casa. E muito ruim pois isso me deixava muito desanimada e abatida para fazer as coisas e imagina se fosse durante o momento da graduação e dos estudos, talvez iria me deixar muito baqueada e depressiva, levando talvez ao abandono do curso. (ANTONIETA DE BARROS, 2022, GRIFOS DA AUTORA, 2022).

Diante disso, compreende-se que os casos de assédio atravessam de modo coletivo essas estudantes e exigem mais atenção, pois pode causar danos irreversíveis à saúde do indivíduo, em casos extremos, até o suicídio. Não é possível conviver conivente com as violências e violações de mulheres, sejam elas quem forem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ressalta que ser mulher, especialmente mulher negra, em nossa sociedade é uma experiência desafiadora, marcada por situações de constrangimento, violências, intimidação, medo e racismo. A luta pela equidade de gênero e raça, melhores remunerações e igualdade no mercado de trabalho é uma batalha, assim como a luta contra as violências de gênero e raça.

O resultado da pesquisa revela a importância de compreender e analisar o impacto das violências raciais e de gênero na vida acadêmica e pessoal das estudantes negras. Observamos que as estudantes possuem um entendimento bem relevante a conceituação do assédio, apontaram situações de violências raciais e de gênero, sobretudo, fora do ambiente universitário e se encontram muitas vezes “desamparadas”, sobre onde e como buscar informações e apoio institucional no que tange a essas dimensões no contexto universitário. Enfatizamos a necessidade de ações que visam conscientizar e combater esses tipos de violências dentro e fora da instituição.

Ademais, este estudo oferece uma contribuição para a compreensão das experiências de estudantes negras em contextos acadêmicos e sociais. As recomendações sugeridas, como a criação de uma ouvidoria feminina, são pertinentes para promover um ambiente mais seguro e inclusivo para os estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvia Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto – Portugal. Porto Editora, 1994

CRENSHAW, Kimberly. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Secretária de educação continuada, alfabetização e diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, 2005 – Coleção para todos.

HOOKS, Bell. Mulheres negras e feminismo. **In: Não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 1. ed. 2014. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnx1bWFsZWl0b3JhbmVncmF8Z3g6NTNlYWU3Y2QwY2ZkNDBhMA>. Acesso em: 13 ago. 2021.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, V.3, nº 2, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 01/04/2022.

PAIVA, Talita Teixeira de; CAMPOS, Ana Paula da Silva. AS MULHERES NEGRAS E O ENFRENTAMENTO AO RACISMO NO BRASIL: ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 16, 2018, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: UFES, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22329>. Acesso em: 27 jul. 2021.

SANTOS, Ana Pereira dos. **Entre embaraços, performances e resistências**: a construção da queixa de violência doméstica de mulheres em uma delegacia. 2014. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/6798>. Acesso em: 26 jul. 2021.